

ESTRATIGRAFIA DO RIFTE ESPINHAÇO NO EXTREMO NORTE DE MINAS GERAIS E A PROBLEMÁTICA DOS DEPÓSITOS DIAMANTÍFEROS NESSE CONTEXTO

Mário Luiz de Sá Carneiro Chaves¹; Valdinei Alves Egger²; Kerley Wanderson Andrade³

¹ CPMTC-IGC/UFGM PESQUISADOR CNPQ; ² MAGNESITA SA; ³ PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOLOGIA-IGC/UFGM

RESUMO: A Serra do Espinhaço, no sudeste-nordeste brasileiro, é integrada por quatro domínios tanto geográficos como tectônicos, designados de “Espinhaços” Meridional, Central, Setentrional e Chapada Diamantina, de norte para sul, envolvendo os estados de Minas Gerais, Bahia e Piauí. Nesses domínios, depósitos diamantíferos são conhecidos principalmente no Espinhaço Meridional (MG) e na Chapada Diamantina (BA). No Espinhaço Central, depósitos de portes e importâncias econômicas menos significativas ocorrem nos arredores de Grão Mogol e, em direção a norte, outros de ainda menor porte na faixa estendida entre Serranópolis de Minas e Mato Verde. No Espinhaço Setentrional (BA) desconhecem-se depósitos diamantíferos. A geologia da Serra do Espinhaço em Minas Gerais é melhor caracterizada em sua porção meridional, nos arredores de Diamantina, onde foi levantada a coluna estratigráfica padrão do Supergrupo Espinhaço (Paleo/Mesoproterozóico). Entretanto, em direção a norte, no domínio serrano do Espinhaço Central, a estratigrafia dessa sequência apresenta notáveis diferenças em relação à que ocorre em Diamantina. Dificuldades crônicas de acesso restringiram os estudos pertinentes, mas diversas obras viárias recentes permitiram a realização de uma série de perfis transversais à serra, que serviram de base para a proposição de um novo ordenamento estratigráfico regional. Nesse contexto, reconheceram-se as seguintes formações (base para o topo): Mato Verde (rochas vulcânicas ácidas a intermediárias, localmente na base com metaconglomerados), Talhado (quartzitos finos com níveis de formações ferríferas), Gerais de Santana (quartzitos finos a grossos, com intercalações pelíticas e de metaconglomerados), Resplandecente (quartzitos finos com pequenas a médias estratificações cruzadas generalizadas) e Serra Nova (quartzitos finos localmente com megaestratificações cruzadas). Essas formações foram reunidas no Grupo Monte Azul. As três primeiras unidades constituem a fase rifte da bacia na região. A Formação Resplandecente, acima, é correlacionável à Formação Galho do Miguel (região de Diamantina), sendo a única unidade do Supergrupo Espinhaço presente na porção sul da área (entre Grão Mogol e a BR-251), indicando que o rifte provavelmente foi ali abortado. Assim, tal unidade corresponde a uma cobertura cratônica, depositada sob condições continentais em ambiente eólico; entretanto, aproximadamente a partir do paralelo 16°, ela vai cobrir concordantemente as unidades inferiores do rifte. Constatou-se que a formalização das unidades geológicas pertinentes às fases rifte e pós-rifte do Supergrupo Espinhaço se deu em Minas Gerais no sentido sul-norte, enquanto na Bahia o mesmo se deu inversamente. O resultado, é que a nomenclatura, e também as conceituações pouco se correspondem, dificultando o entendimento dos depósitos diamantíferos. Esses, embora sempre relacionados a depósitos de metaconglomerados, aparecem em níveis estratigráficos diversos. Depósitos colúvio-aluvionares com diamantes ocorrem na região de Grão Mogol associados ao Membro Grão Mogol da Formação Resplandecente (já lavrados inclusive in situ), e na Formação Gerais de Santana, estes últimos correspondendo a depósitos continentais possivelmente mais distais. Minerais indicadores de rochas kimberlíticas estão completamente ausentes em ambas as áreas, conforme prospecção aluvionar efetuada com tal finalidade. Pelo estudo, pode-se concluir que a partir da implantação de uma bacia marinha mais significativa a partir das proximidades de Mato Verde, representada pela Formação Talhado, desaparecem os depósitos diamantíferos associados ao Supergrupo Espinhaço.

PALAVRAS-CHAVE: ESTRATIGRAFIA; RIFTE ESPINHAÇO; DIAMANTINA (MG).